
Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis)

RUI MATALOTO*

“Y lo primero que hizo fue limpiar unas armas que habían sido de sus bisabuelos, que, tomadas de orín y llenas de moho, luengos siglos había que estaban puestas y olvidadas en un rincón.[...] una mañana, antes del día, que era uno de los calurosos del mes de Julio, se armó de todas sus armas, subió sobre Rocinante, puesta su mal compuesta celada, embrazó su adarga, tomó su lanza y, por la puerta falsa de un corral, salió al campo con grandísimo contento y alborozo (...)”

Miguel de Cervantes, *Don Quijote de La Mancha*

R E S U M O

Trata-se aqui do estudo de um grupo de materiais depositados na Fundação Paes Teles, no Ervedal. Após uma breve caracterização cronocultural apresenta-se um conjunto de reflexões sobre a segunda metade do III milénio a.C. no Alto Alentejo, no quadro actual dos conhecimentos sobre este momento no sudoeste peninsular.

A B S T R A C T

This article discusses the study of an assemblage of artifacts deposited in the Fundação Paes Teles, in Ervedal, Portugal. Following a brief discussion of the chronological and cultural nature of the collection, observations regarding the second half of the 3rd millennium BCE in the Alto Alentejo, will be considered within the context of what is currently known about this period in the southwestern Iberian Peninsula.

1. Antes, como agora ...: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles¹

Quando no início dos anos 70 do século passado H. Schubart apresentou o “Horizonte Ferradeira” foram os materiais recolhidos em Museus, maioritariamente sem estratigrafia, e por vezes sem proveniência exacta, a sua base empírica para um modelo basicamente teórico. Bem, mais de três décadas depois, continuam a ser principalmente os materiais de Museus a lembrarem-nos “Ferradeira” o que, sejamos sinceros, não é um grande ponto de partida...

O conjunto, ou melhor, agrupamento de materiais que aqui se pretende analisar consta do acervo da Fundação Paes Teles, localizada na vila do Ervedal (Avis) encontrando-se até muito recentemente em exposição no seu pequeno núcleo museológico.

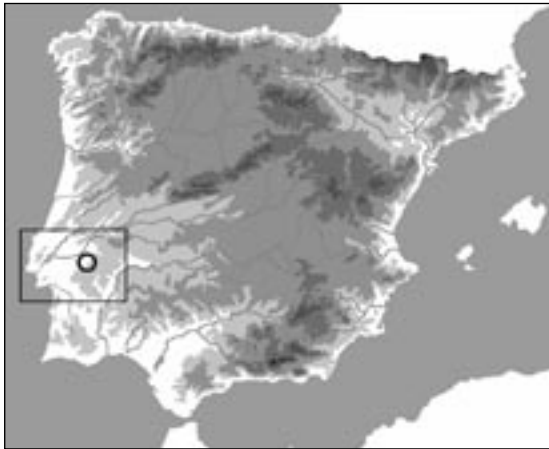


Fig. 1 Localização da região do Ervedal no Alto Alentejo.



Fig. 2 Vitrine em que se encontrava exposto o grupo de materiais aqui em estudo (Fundação Paes Teles).

A Fundação, constituída por vontade de Mário Saa, acolhe um extenso acervo documental relacionado com o seu fundador, além de alguns materiais arqueológicos, principalmente dos arredores do Ervedal, tanto quanto se saiba. Estes não foram apenas reunidos por Mário Saa, cuja actuação é conhecida em extensas áreas do Sul do país, tendo igualmente resultado de acções posteriores à sua morte.

O grupo de materiais que constitui a base de trabalho do presente estudo encontrava-se reunido numa única vitrina, separado dos restantes artefactos pré-históricos, pelo que presumo cons-

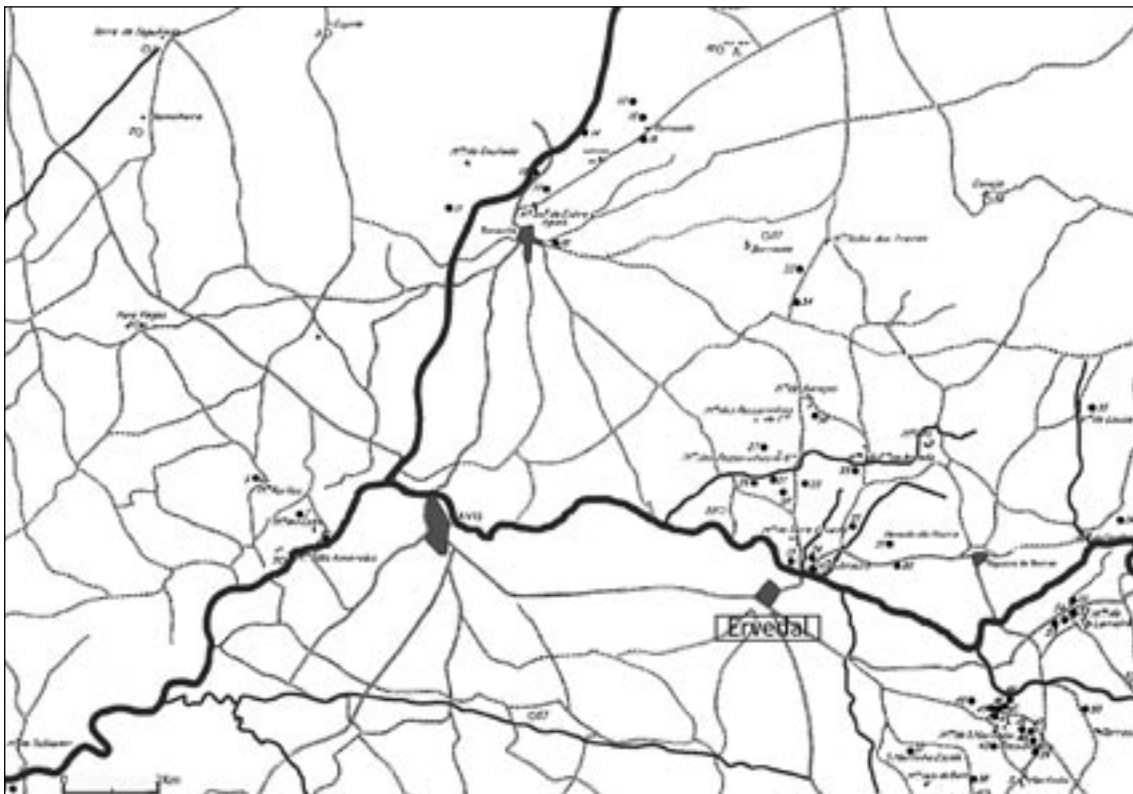


Fig. 3 Mapa da distribuição dos momentos megalíticos na região de Avis/Ervedal (segundo Leisner e Leisner, 1959).

tituir um conjunto artefactual recolhido de forma unitária. Integrava um recipiente cerâmico completo, três ou quatro pontas tipo “Palmela”, um punhal de lingueta, um “braçal de arqueiro” e três placas de xisto; estas não serão, todavia aqui tratadas.

Pelas características do conjunto creio resultar de uma intervenção num contexto funerário, muito provavelmente depositado num monumento megalítico, eventualmente dos arredores do Ervedal, conhecida que é a sua presença na região, ainda que neste particular nada tenha de certezas.

2. Caracterização de um grupo que se quer conjunto

O grupo de materiais que se apresentará de seguida é, assim, composto por um punhal de lingueta, três pontas tipo “Palmela”, eventualmente quatro, um “braçal de arqueiro” e um vaso cerâmico. Creio, atendendo ao conhecido no sudoeste peninsular, mas também em toda a península (Harrison, 1977), que este grupo de materiais reunidos numa vitrina do núcleo museológico da Fundação Paes Teles constitui um efectivo conjunto, sincrónico e coerente em si, aparentemente reunido como oferenda funerária, tal como vários outros casos conhecidos. Mais difícil nos surge assegurar se resultaria de uma única deposição ou de várias, ainda que, como se verá em outros conjuntos, as presenças metálicas parecem surgir em verdadeiras panóplas, com múltiplos artefactos.

A associação entre punhais de lingueta e pontas de tipo “Palmela” é, assim, recorrente em grande parte do território peninsular, e particularmente no Ocidente, parecendo ser característica de momentos avançados do final do Calcolítico ou já do Bronze Antigo (Delibes de Castro e Fernández-Miranda, 1981).

O **punhal de lingueta** (Fig. 4, n.º 5) apresenta-se completo, com lâmina subtriangular de topo arredondado, lingueta curta, bem destacada, de topo igualmente arredondado, sendo dotada da típica secção em “I” horizontal, obtida por martelagem lateral dos bordos, para maior aderência do cabo; a lâmina apresenta secção lenticular “amesetada”, provavelmente resultante da martelagem das extremidades. Dimensões: comp.: 200 mm; larg. máx.: 46 mm; esp. máx. folha: 35 mm.

Os punhais de lingueta apresentam uma distribuição suprapeninsular, ainda que conheçam particular concentração no baixo Tejo (Cruz, 1992, p. 45), área onde se integra o exemplar agora em estudo. Estes foram objecto de sistematização por G. Delibes de Castro (1977), que elaborou uma tipologia com pretensões cronológicas, atendendo principalmente à dimensão da lingueta e à largura máxima do artefacto. Todavia, estes critérios, ensaiados em outras áreas peninsulares, revelaram-se pouco proveitosos ao apresentar uma grande variabilidade de situações (Garrido Pena, 1995, p. 141). Ainda assim, se recorrermos a eles, o punhal aqui em estudo, ao apresentar uma lingueta curta e folha relativamente larga, parece integrar características evoluídas, mais próximas ao tipo III de Delibes de Castro (1977), no que é acompanhado pela secção da lingueta em “I”, conhecida em várias espadas já do Bronze Inicial (Carreira, 1990-1992, p. 240).

As **pontas tipo “Palmela”** são, como já se afirmou, três e uma apenas provável, ao encontrar-se bastante corroída. Os três exemplares encontram-se completos diferindo ligeiramente em termos morfológicos e de tamanho.

A ponta de maiores dimensões (Fig. 4, n.º 1) apresenta uma folha oval alongada, de secção elíptica achatada, com um estrangulamento na ligação ao pedúnculo; este surge de secção quadrangular, comprido e largo; o fio do gume parece ter sido obtido por martelagem, ao apresentar-se ligeiramente convexo; dimensões: comp.: 130 mm; larg. máx.: 25 mm; esp. máx.: 2 mm.

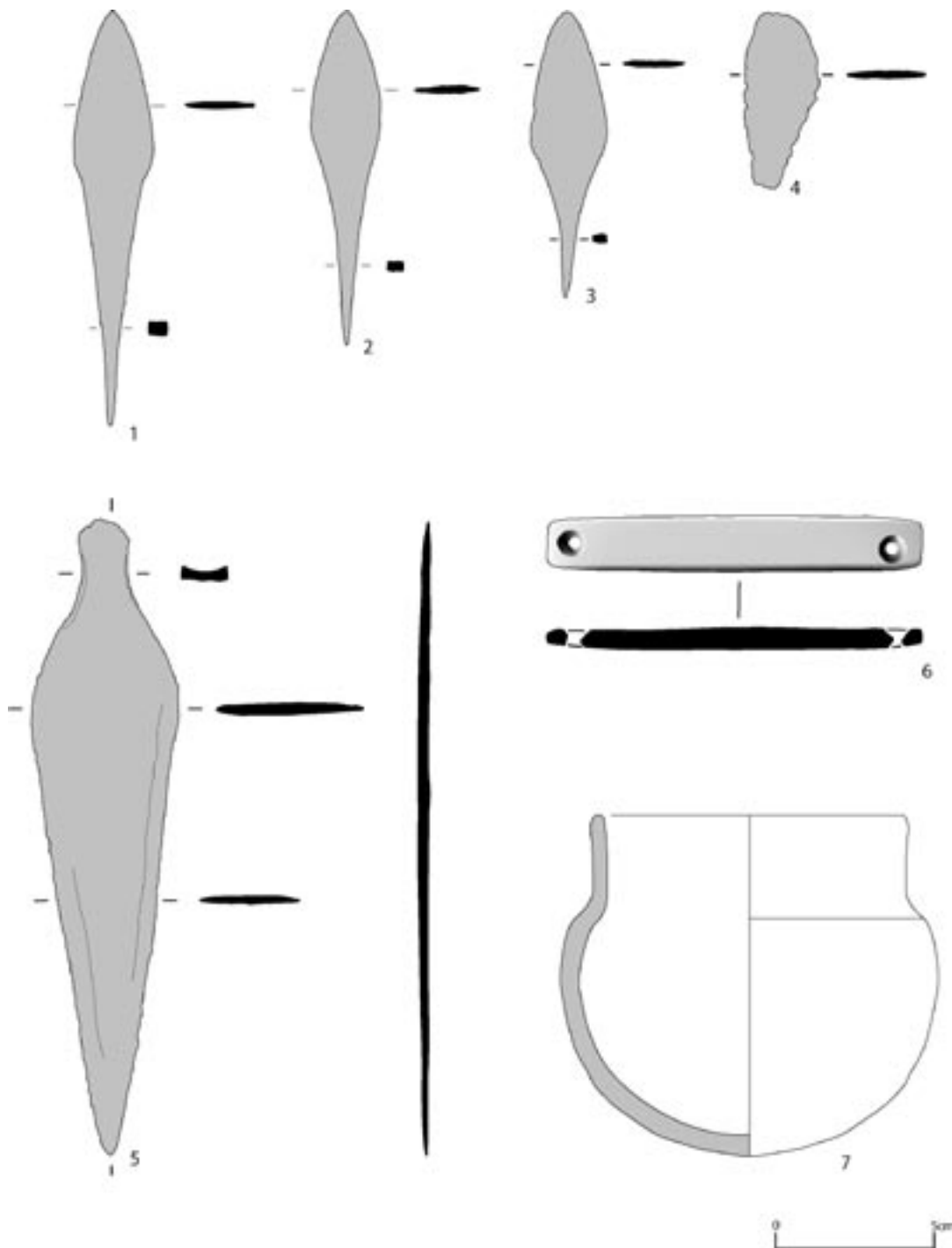


Fig. 4 Conjunto artefactual do Ervedal, aqui em estudo.

A ponta seguinte (Fig. 4, n.º 2) apresenta uma folha igualmente oval alongada, de secção elíptica achatada, evidenciando na ligação ao pedúnculo um suave estreitamento; este surge, também, de secção quadrangular, não muito longo, e largo; o fio de gume parece, uma vez mais, ter sido obtido por martelagem, ao apresentar-se ligeiramente convexo, sendo esta característica mais discreta que no anterior exemplar; dimensões: comp.: 105 mm; larg. máx.: 22 mm; esp. máx.: 2,4 mm.

A ponta de menores dimensões (Fig. 4, n.º 3) apresenta a folha também ovalada, de secção elíptica achatada, com maior estreitamento em relação ao pedúnculo, que nos surge curto, de secção quadrangular. O fio de gume parece igualmente resultar da acção de martelagem dos bordos da peça; dimensões: comp.: 89 mm; larg. máx.: 24 mm; esp. máx.: 2 mm.

A peça metálica restante (Fig. 4, n.º 4) apresenta-se bastante corroída e deteriorada; a sua forma ovalada, com ligeiro estrangulamento para um possível pedúnculo faz com que se assemelhe genericamente a uma ponta das anteriores; a secção segue igualmente as características das anteriores pontas, pelo que muito provavelmente estamos efectivamente perante um destes exemplares.

As pontas de tipo “Palmela” conhecem uma distribuição principalmente peninsular (Harrison, 1977; Delibes de Castro, 1977; Kaiser, 2003), ainda que estejam igualmente bem atestadas no Sul e Oeste de França (Guilaine, 2004, p. 246) e mais raramente no Norte de África (Carreira, 1998, p. 133).

Foram igualmente objecto de sistematização tipológica, ainda que sem veleidades cronológicas, por Delibes de Castro (1977), com base nos exemplares da Meseta Norte, que agrupou em três tipos, e diversas variantes, consoante a morfologia da folha e a dimensão do pedúnculo, evidenciando a grande variabilidade intrínseca a este objecto. A aplicação desta tipologia foi entretanto desaconselhada, por ser eventualmente redutora, tendo em conta a maior base artefactual que se encontra actualmente disponível (Garrido Pena, 1995, p. 141).

Será importante referir a dificuldade ainda existente em delimitar a funcionalidade dos diversos exemplares pois, enquanto uns poderiam ser pontas de flecha, outros de maiores dimensões poderiam já ser considerados pontas de outras armas de arremesso (Kaiser, 2003, p. 79), o que poderá determinar assinaláveis diferenças sobre o significado e relevância social de cada uma das actividades e respectivos portadores. Os exemplares aqui em estudo ao apresentarem umas dimensões entre os 70-125 mm de comprimento e 14-37 mm de largura, integrando assim um grupo que engloba 76% dos exemplares recolhidos nas duas Mesetas (Garrido Pena, 1995, p. 141), evidenciam que apesar da sua variabilidade morfológica cumprem requisitos de peso e dimensões bastante mais estritos.

As pontas de tipo “Palmela” vêm sendo genericamente associadas ao espectro cronológico “Campaniforme”, sem que exista, todavia, uma extensa base arqueográfica correctamente datada, tendo sido levantada há alguns anos, ainda que de forma titubeante, a possibilidade de terem surgido previamente a este (Cardoso, 1994, p. 132; Carreira, 1998, p. 133); contudo, a sua associação preferencial a tipos campaniformes tardios, permite a alguns afiançar a sua maior divulgação em contextos bastante avançados, já na transição para o II milénio a.C., prolongando-se a sua presença para momentos ainda mais tardios (Delibes de Castro e Fernández-Miranda, 1981; Cruz, 1992, p. 49; Senna-Martínez, 1994, p. 168; Cardoso, Soares e Araújo, 2002, p. 92).

O “**braçal de arqueiro**” (Fig. 4, n.º 6) é uma peça rectangular de lados ligeiramente romboídeais, em xisto, de secção quadrangular, com uma perfuração bicónica em cada extremidade; dimensões: comp.: 117 mm; larg. máx.: 70 mm; esp. máx.: 7 mm. Este artefacto corresponde a um elemento “clássico” da panóplia “campaniforme”, surgindo geralmente associado aos artefactos metálicos de arremesso, prolongando-se a sua presença em contextos claramente da Idade do Bronze.

O recipiente cerâmico encontra-se completo (Fig. 4, n.º 7), correspondendo a uma forma de colo alto, e corpo bojudo, sendo a transição entre ambos marcada por uma carena. Julgo que representa uma clara evolução a partir das morfologias cerâmicas “campaniformes”, em particular as mais próximas do mundo “Cienpозuelos”, com as suas formas mais baixas e carenadas.

3. O conjunto do Ervedal no contexto de outros achados

Este conjunto, se efectivamente o podemos assumir como tal, detém alguns paralelos a nível peninsular, como é fácil pesquisar em algumas sínteses já clássicas (Harrison, 1977; Schubart, 1975), nas quais se pode, igualmente, constatar a raridade com que surge um “pacote” tão completo.

No contexto alentejano mais próximo não são conhecidos conjuntos semelhantes, ainda que as presenças metálicas tenham sido registadas em diversos locais, encontrando-se um certo equilíbrio entre as recolhas em povoados e as reconhecidas em deposições funerárias. Sem pretensões de exaustividade conhecem-se no Alto Alentejo referências a oito sítios onde se recolheram pontas de tipo “Palmela” (equivalente a 11 pontas), sendo que apenas os conjuntos do Ervedal e o da Anta do Assobiador (Avis), eventualmente próximos em termos geográficos, contemplam mais que um exemplar (três e dois, respectivamente).

As recolhas de pontas tipo “Palmela” em monumentos megalíticos, como as efectuadas no concelho de Elvas (Barrocal e Torre das Arcas), além do já citado achado no concelho de Avis, reforça a sua presença em contextos funerários, favorecendo igualmente a hipótese levantada para o conjunto em apreço, particularmente se atendermos ao relevante número destes monumentos identificados na envolvente do Ervedal; todavia, este tipo de pontas parece, igualmente, surgir em povoados, ainda que a ausência de contextos estratigráficos em qualquer dos casos (Vaia Monte, Pereiras ou Serra) impossibilite aferir o seu contexto de utilização/abandono; apesar da sua associação a contextos aparentemente domésticos, poderá também resultar de deposições rituais,

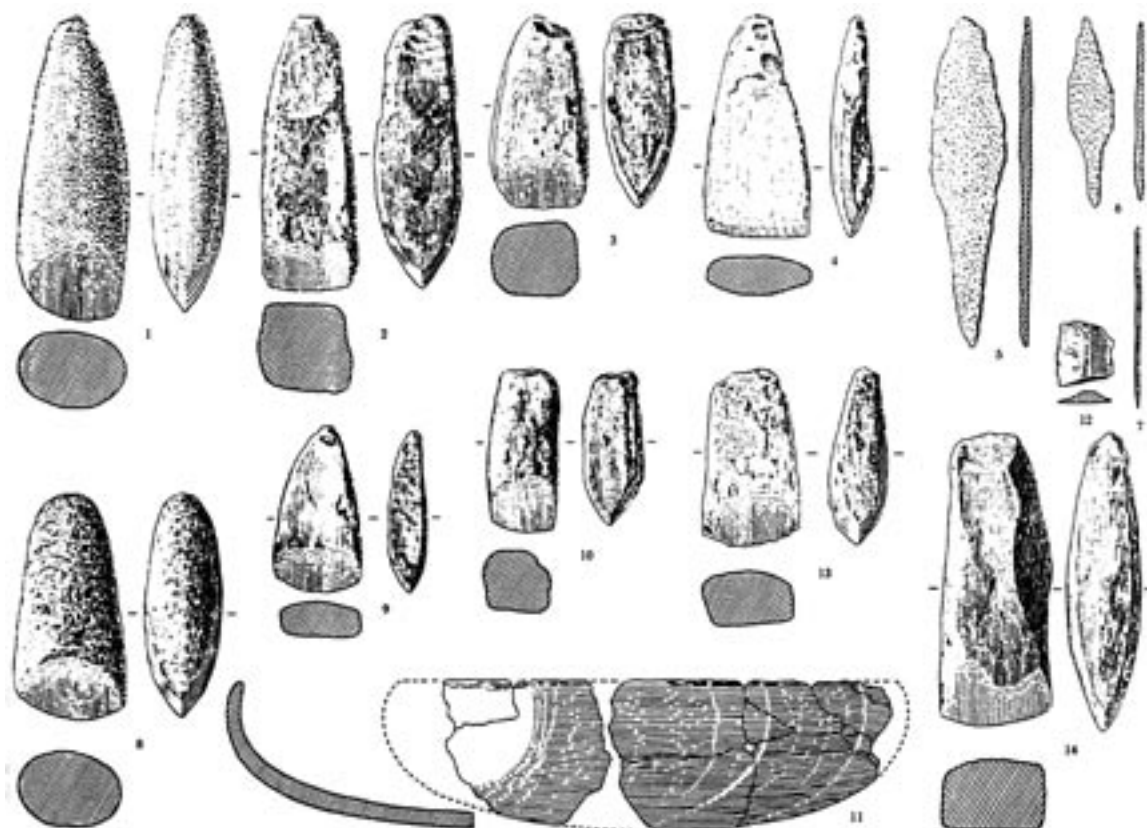


Fig. 5 Espólio da Anta do Assobiador (Avis), de onde se destacam duas pontas tipo “Palmela” (segundo Leisner e Leisner, 1959).



Fig. 6 Conjunto artefactual do “Horizonte Ferradeira”, de onde se destacam, à direita, os recipientes da segunda fase do *tholos* do Monte do Outeiro (Schubart, 1971).

funerárias ou não, como nos obriga a considerar o contexto de achado de uma “alêne”, de cronologia semelhante, ou ligeiramente mais avançada, sobre os escombros do povoado fortificado do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1988-1989).

No que diz respeito aos punhais de lingueta, estes são ainda mais raros conhecendo-se apenas dois, aparentemente provenientes de povoados (Castelo do Giraldo, Monte do Tosco). A proveniência estratigráfica deste último assume particular relevância ao integrar um contexto de abandono correlacionável com um ambiente doméstico, onde se registaram formas e decorações campaniformes de estilo inciso, associadas a um importante número de formas lisas, com idêntica filiação, como é usual nas realidades “Ciempozuelos” (Valera, 2000b).

Em outras paragens alentejanas, mais a Sul e filiadas nas realidades do problemático “Horizonte Ferradeira”, as pontas de tipo “Palmela” e os punhais de lingueta encontram-se bem atestados, ainda que os conjuntos, exclusivamente de provável índole funerária, sejam também de contexto pouco claro (Schubart, 1971). Entre várias outras deposições em espaços funerários, por vezes individuais, são os achados da chamada segunda fase do *tholos* do Monte do Outeiro, em Aljustrel, que assumem maior semelhança com os que aqui se apresentam, nomeadamente no que diz respeito à associação entre a ponta tipo “Palmela” e dois recipientes cerâmicos (e, f) de morfologia semelhante ao do Ervedal (Schubart, 1971, Fig. 5) (Fig. 6).

Todavia, não é no território alentejano que se encontram os melhores paralelos para o conjunto em estudo, particularmente se atendermos à associação de artefactos metálicos. A Estremadura portuguesa é conhecida pelas notáveis concentrações de artefactos conectáveis com o “pacote campaniforme” no seu todo, sendo o baixo Tejo relacionado quer com o aparecimento de determinados tipos decorativos campaniformes, quer com alguns artefactos metálicos dos que aqui vimos estudando.

A localização geográfica do Ervedal, ao inserir-se na bacia de um subsidiário do baixo Tejo, com ligações facilitadas com a Estremadura, permite melhor explicitar a proximidade do conjunto em estudo com as realidades estremenhas, acompanhando uma longa tendência de proximidade, particularmente notória em algum espólio dos monumentos megalíticos do Norte Alentejano, como as pontas de seta de base triangular, quase desconhecidas no Alentejo Central, mais a Sul, e características do megalitismo da península de Lisboa². No entanto, esta proximidade não deve ser sobrevalorizada, na justa medida em que o elemento mais característico dos conjuntos funerários estremenhos, a cerâmica decorada, está aqui ausente, o que não deixa de ser relevante em termos culturais ou cronológicos. O contexto da Estremadura não é, todavia, linear, já que o dito “Grupo Montelavar” é, tal como “Ferradeira”, caracterizado pela ausência de cerâmica campaniforme, resultando eventualmente de um enquadramento cronológico mais tardio (Harrison, 1974).

Na Estremadura poder-se-ia mencionar uma enorme diversidade de situações e conjuntos (Harrison, 1974; 1977), mais ou menos fiáveis, recolhidos em contextos diversos pelo que, a título de exemplo se poderia mencionar o conjunto metálico, aparentemente sem cerâmica campaniforme, recolhido numa deposição, possivelmente intrusiva, efectuada no corredor do *tholos* da Praia das Maças, que associa um punhal de lingueta e, curiosamente, ou talvez não, também três pontas tipo “Palmela” (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1969). Das várias datas disponíveis actualmente para este local (Sousa, 1998, p. 141) ressalta uma no presente contexto de análise (H-2048/1458 - 3650±60 BP -2190-1790 cal BC a 2), pela possível associação à deposição do referido conjunto, como foi já proposto (Delibes de Castro e Fernández-Miranda, 1981, p. 157).

Ainda em contextos estremenhos seria relevante mencionar, igualmente, o conjunto da Gruta IX das Redondas, pela aparente associação de 10 pontas tipo “Palmela” a uma alabarda de tipo “Carrapatas”, evidenciando a sua presença em contextos já claramente da Idade do Bronze (Senna-Martínez, 1994, p. 167).

Mais a Norte, ainda no território actualmente português, na Serra da Aboboreira, a intervenção na Mamoa 1 de Chã de Carvalhal permitiu identificar duas deposições de materiais metálicos, muito próximas, situadas sob a carapaça pétreo do *tumulus* do monumento; os conjuntos eram compostos por dois punhais de lingueta, um, e por quatro pontas de tipo “Palmela”, outro, não tendo sido recolhido qualquer recipiente cerâmico associado. A cerâmica campaniforme, apesar de atestada no local não estava directamente relacionada com estas deposições (Cruz, 1992).

Na Extremadura, os dados disponíveis até ao momento revelam uma marcada diferença, provavelmente resultante da geografia de investigação. Se a realidade artefactual, em particular a metálica, assume grandes similitudes com a conhecida mais a Ocidente, já os contextos de proveniência dos conjuntos, em particular os de âmbito funerário, apresentam uma diversidade que deste lado é ainda impossível de vislumbrar (Hurtado, 1999); mesmo quando os antigos espaços da morte continuam a ser utilizados, veja-se o caso de Colada de Monte Nuevo (Schubart, 1971, 1973), surgem nos finais do III/inícios do II milénio a.C. uma diversidade de soluções sepulcrais que demonstra, creio, uma realidade em transformação, não só pela crescente individualização das tumulações, também conhecida mais a Ocidente, como pelas novas soluções funerárias de índole comunitário ou familiar (Hurtado e García Sanjuán, 1994; Hurtado, 1999). Será justamente um destes últimos casos a proporcionar deposições com algumas semelhanças relativamente ao conjunto de materiais do Ervedal; foram assim detectadas cinco pontas de tipo “Palmela” e parte do encabamento de um punhal de lingueta na terceira estrutura funerária de Guadajira (Hurtado, 1999), associados a cerâmica com decoração campaniforme incisa e a recipientes de paredes delgadas (Hurtado, 1995), com formas bastante próximas do morfotipos característicos do Bronze do Sudoeste (Hurtado e García Sanjuán, 1994).

No restante espaço peninsular, ao menos no arco “centro-ocidental”, as realidades assimiláveis ao conjunto em estudo multiplicam-se, estendendo-se da Andaluzia (Harrison, 1974) ao Norte de Portugal (Jorge, 1990) ou ao Norte da Meseta Norte (Delibes de Castro e Fernandez-Miranda, 1981); estas associações de materiais, digamos “campaniformes acerâmicos” ou pelo menos sem presença da característica decoração, conhecidos essencialmente por achados aparentemente funerários, e pouco contextualizados, foram integrados por Harrison (1974) no seu “Montelavar Group”, que abarcaria um amplo espaço geográfico escassamente definido entre a Andaluzia e o Ocidente peninsular; este “Grupo” acabaria por resultar, na prática, do alargamento geográfico do conceito artefactual de “Horizonte Ferradeira”, que H. Schubart (1971) associou ao Sudoeste peninsular (Ruiz-Gálvez, 1979, p. 152).

Todavia, se Schubart assumiu uma explanação teórica clara e completa, tipo “modelo civilizacional”, já Harrison (1974) foi mais cauteloso, deixando questões em aberto.

Pode-se, então, afirmar que o conjunto do Ervedal, integra, plenamente, inclusive nas condições de achado, uma realidade material que vem sendo identificada e tipificada em diversas áreas peninsulares. Assim, numa primeira perspectiva, e por razões principalmente geográficas, ter-se-ia que associar o conjunto do Ervedal, apesar das semelhanças com os achados do “grupo Montelavar”, às realidades do “Horizonte Ferradeira”, que desde há muito nos surge datado e posto em causa. O modo como o conceito de “Horizonte Ferradeira” marcou, e ainda marca, a investigação arqueológica dos finais da Pré-História no sudoeste peninsular impõe não só a associação da realidade em estudo a este “chavão”, como um breve apontamento sobre a sua entidade e estruturação teórica.

4. Os horizontes de Ferradeira, sem perder de vista Montelavar...: construções teóricas, problemas arqueográficos

Se “Ferradeira” foi constituído com um horizonte bem definido, o Sudoeste peninsular, e um problema teórico-material efectivo, a ausência de campaniforme e de contextos coloniais, já “Montelavar” resultou do agrupamento de um conjunto de realidades dispersas, sem um sentido geográfico como fio condutor.

Sem querer historiar “Ferradeira”, propósito bastante mais complexo que este simples trabalho, pode-se dizer que o dito “Horizonte” começou mal ao estruturar-se em torno de apenas duas sepulturas individuais, cujo achado fortuito, e numa fase de avançado desmantelamento, não permitiu entender, se quer, o enquadramento microespacial de ambas. Todavia, agregaram-se a estas outras muitas realidades semelhantes identificadas no Baixo Alentejo e Algarve, estendendo-se a área de influência deste modelo até à metade Sul do Alto Alentejo. A realidade arqueográfica, marcada pela escassez de contextos claros e escavações arqueológicas, derivava principalmente de deposições funerárias aparentemente individuais, em cista ou reutilizando antigas estruturas de falsa cúpula, acompanhadas por um conjunto artefactual de fundo campaniforme, nomeadamente ao nível dos artefactos metálicos (pontas tipo “Palmela” e punhais de lingueta), sem que a característica decoração cerâmica estivesse presente, surgindo apenas recipientes lisos com morfótipos derivados dos campaniformes (Schubart, 1971).

O “Horizonte Ferradeira”, tal como foi apresentado por H. Schubart (1971), resulta, essencialmente, de uma construção teórica profundamente marcada pelos preceitos histórico-culturalistas e concebida por oposição, e em complemento, a um modelo explicativo idealizado para outra área peninsular, a Estremadura portuguesa (Gonçalves, 1989, p. 79).

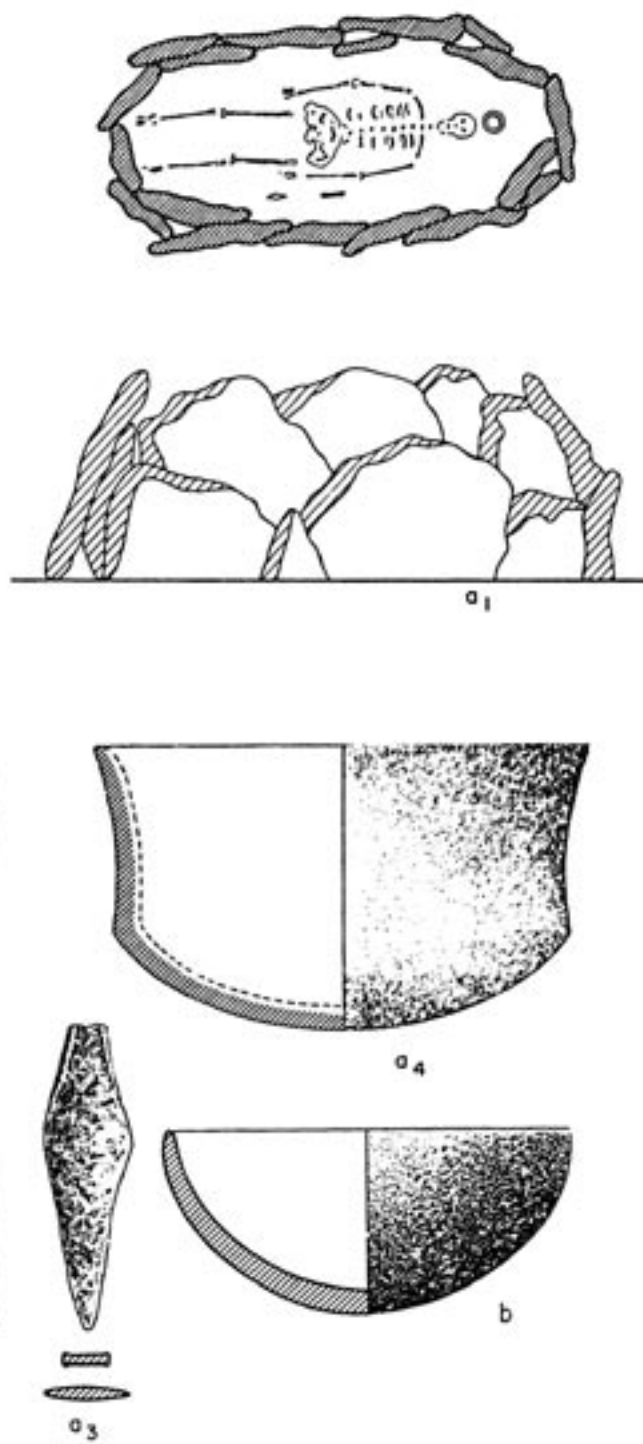


Fig. 7 Sepultura e espólio de Ferradeira (Schubart, 1971).

A assunção da presença de um “povo” campaniforme, com especialistas metalúrgicos itinerantes, instalado junto das feitorias de origem colonial e de uma população indígena de “cultura superior”, teria favorecido o entrosamento e a miscigenação cultural, da qual acabaria por resultar a grande aceitação e transformação do “pacote” campaniforme, com o aparecimento dos grupos locais; no Sul do país, onde não eram conhecidas, até então, estruturas de fortificação de base colo-

nial, o fenómeno campaniforme não teria a mesma aceitação pela impossibilidade das comunidades indígenas se entrosarem com um grupo culturalmente superior, o que daria origem ao aparecimento de objecto isolados, basicamente importados.

Este era o quadro traçado para explicar um conjunto de materiais identificados no Baixo Alentejo e Algarve, onde a ausência da cerâmica campaniforme surgia acompanhada pela ausência de estruturas de fortificação, que marcariam a existência de grupos culturalmente superiores. As presenças metálicas, de tipo idênticos aos conhecidos na Estremadura e recolhidos em contextos semelhantes, principalmente deposições funerárias, eram então entendidas como importações de luxo.

O Alto Alentejo esteve quase sempre à margem desta discussão, pela simples ausência de relevantes conjuntos materiais, ou apenas por questões de geografia de investigação, tendo H. Schubart privilegiado o Baixo Alentejo e o Algarve no seu *Bronzezeit*, fortemente marcado pelo estudo da necrópole de Atalaia, ou então pelos interesses nos contextos estremenhos, derivado das escavações do Zambujal encetadas pelo DAI.

Seja como for, e apesar de ter surgido segundo um paradigma teórico bastante distinto do actual, e derivado de conjuntos de materiais sem proveniência estratigráfica segura, ou mesmo desconhecida, o certo é que o conceito “Horizonte Ferradeira” se manteve operacional até aos dias de hoje, grandemente expurgado do seu conteúdo teórico-cultural, mas associado a um conjunto de materiais soltos que havia que explicitar. Posto desde cedo em causa (Gonçalves, 1989) e demonstrada a sua impossibilidade teórica, ao menos no paradigma conceptual em vigor, o conceito foi-se mantendo e readaptando, sendo cada vez mais associado a um momento inicial da Idade do Bronze (Jorge, 1990; Calado, 1993; Parreira, 1998) ou mantendo o seu espectro cronológico contemporâneo das outras realidades campaniformes, sem que ambas hipóteses fossem mutuamente excludentes.

Todavia, chegados aos dias de hoje, os novos dados são escassos, e é ainda a necessidade de enquadrar realidades sem proveniência estratigráfica, ou com esta pouco clara, que transporta o discurso para o “Horizonte Ferradeira”.

Os horizontes de “Ferradeira” foram sendo alargados, utilizando-se esquemas semelhantes para explicitar realidades afins, resultando no aparecimento do “Grupo Montelavar” (Harrison, 1974), que partilha as características genéricas deste, associando-se, contudo, a um espaço geográfico ligeiramente distinto, de limites difusos, que se estendem da Andaluzia ao Norte peninsular (Ruiz-Galvez, 1984), sem esquecer a sua “origem” conceptual na deposição funerária da região de Sintra, no cerne de um espaço “campaniforme” por excelência, a Baixa Estremadura.

O designado “Grupo Montelavar” decorre igualmente de um processo de elaboração arqueográfica baseado em achados fortuitos, sem contextos estratigráficos fiáveis e, por vezes, mesmo sem associações artefactuais seguras, tal como acontece com o “Horizonte Ferradeira” e com o conjunto artefactual aqui em estudo.

Todavia, se a elaboração teórica de H. Schubart decorria de um esquema interpretativo global, claramente devedor dos modelos avançados para a Estremadura, a criação do Grupo Montelavar, ainda que imbuída de um espírito historico-culturalista como o anterior, visa essencialmente explicitar um conjunto de deposições funerárias individuais, mais do que criar um modelo civilizacional.

Os conjuntos artefactuais de “Montelavar”, principalmente relacionados com sepulturas individuais, em cista ou não, caracterizam-se pelas presenças metálicas, sendo um punhal de lingueta e duas pontas tipo “Palmela” a panóplia básica, pela ausência de cerâmica que, quando surge, é rara e não decorada, sendo os achados áureos também conhecidos. Segundo Harrison (1974, p. 89-90), das indefinições cronológicas do “Grupo Montelavar” decorrem duas possibilidades de entendimento das realidades sociais de que resulta: ou se trata de enterramentos

socialmente diferenciados em contextos humanos “campaniformes”; ou então, seriam enterramentos de idêntico valor social mas mais tardios, já dentro do que poderíamos designar de Bronze Antigo.

Assim pode-se afirmar que o conjunto artefactual do Ervedal, aqui em estudo, se situa claramente entre *Ferradeira* e *Montelavar*, conhecendo as mesmas limitações arqueográficas que impossibilitam a aceitação pura e simples dos modelos anteriores.

Na Extremadura espanhola, onde existe um acervo de informação um pouco maior, mas não desprovido de problemas, o momento de transição entre o III e o II milénio a.C. foi entendido de modo diverso pelos vários autores, que coincidiam, todavia, em que teria sido fortemente marcado pela tradição calcolítica (Hurtado, 1999, 2000; Pavón Soldevila, 1998).

Este momento de transição vem sendo designado por alguns como “Epicalcolítico”, pelas claras ressonâncias do período anterior no conjunto material deste momento (Pavón Soldevila, 1998). Estando atestado estratigraficamente em povoados como o Castillo de Alanje (Pavón Soldevila, 1999) ou Los Cortinales, Gil Mascarell e Rodríguez Díaz, 1986), ou em necrópoles como a de Guadajira (Hurtado, 1994), vem sendo “lido” de modo relativamente semelhante pelos diversos autores, ainda que a designação utilizada não seja absolutamente consensual (Pavón Soldevila, 1998, p. 86), propondo-se outras hipóteses menos comprometidas com referências cronoculturais, como Fase Guadajira-Solana I (Hurtado, 1995, p. 75).

É também aqui principalmente conhecido pela vertente funerária, verificando-se uma enorme diversidade de soluções de tumulação, claramente integradas num processo de individualização do contexto de deposição. Em termos artefactuais são também as presenças metálicas as mais destacadas, nomeadamente as pontas tipo “Palmela” e punhais de lingueta, associadas a cerâmicas muitas vezes já com claras semelhanças com os morfotipos que irão caracterizar o Bronze Médio do Sudoeste, pelo que a sua presença é muitas vezes considerada como tardia (Hurtado, 1999).

5. O final do Calcolítico no Alto Alentejo: muito mais que um “campaniforme”

O “fenómeno campaniforme” é, como se viu, indissociável das realidades que aqui se apresentam, decorrendo estas do “pacote” artefactual introduzido ou divulgado com o característico tipo decorativo. É neste sentido que se assume como indispensável, para um correcto enquadramento do conjunto artefactual aqui em análise, uma breve revisão dos contextos dos finais do III milénio a.C., campaniformes e afins, do Alto Alentejo, na justa medida em que a presença ou ausência deste estilo decorativo é absolutamente determinante na reelaboração dos velhos e problemáticos modelos que parecem enquadrar os artefactos do Ervedal.

O Alto Alentejo foi englobado, como já se afirmou, apenas de modo muito parcial e lateral no modelo teórico e “civilizacional” do “Horizonte Ferradeira”, o que acaba por ilustrar, já desde essa data, a escassez de informação disponível para os finais do III milénio a.C. nesta extensa região.

Se, na realidade, este quadro se encontra em verdadeira mutação, tal só aconteceu nos últimos anos, com a multiplicação das intervenções de emergência e com apresentação dos resultados de extensas acções de prospecção.

Assim, o conjunto de dados, ainda curto, de que dispomos surge bastante incerto pela escassez de estratigrafias e estudos já devidamente publicados, pelo que as evidências expostas de seguida são principalmente resultantes de prospecções ou antigas escavações. Como tal, algumas informações são de utilizar com bastante cautela, nomeadamente as conhecidas apenas de publi-

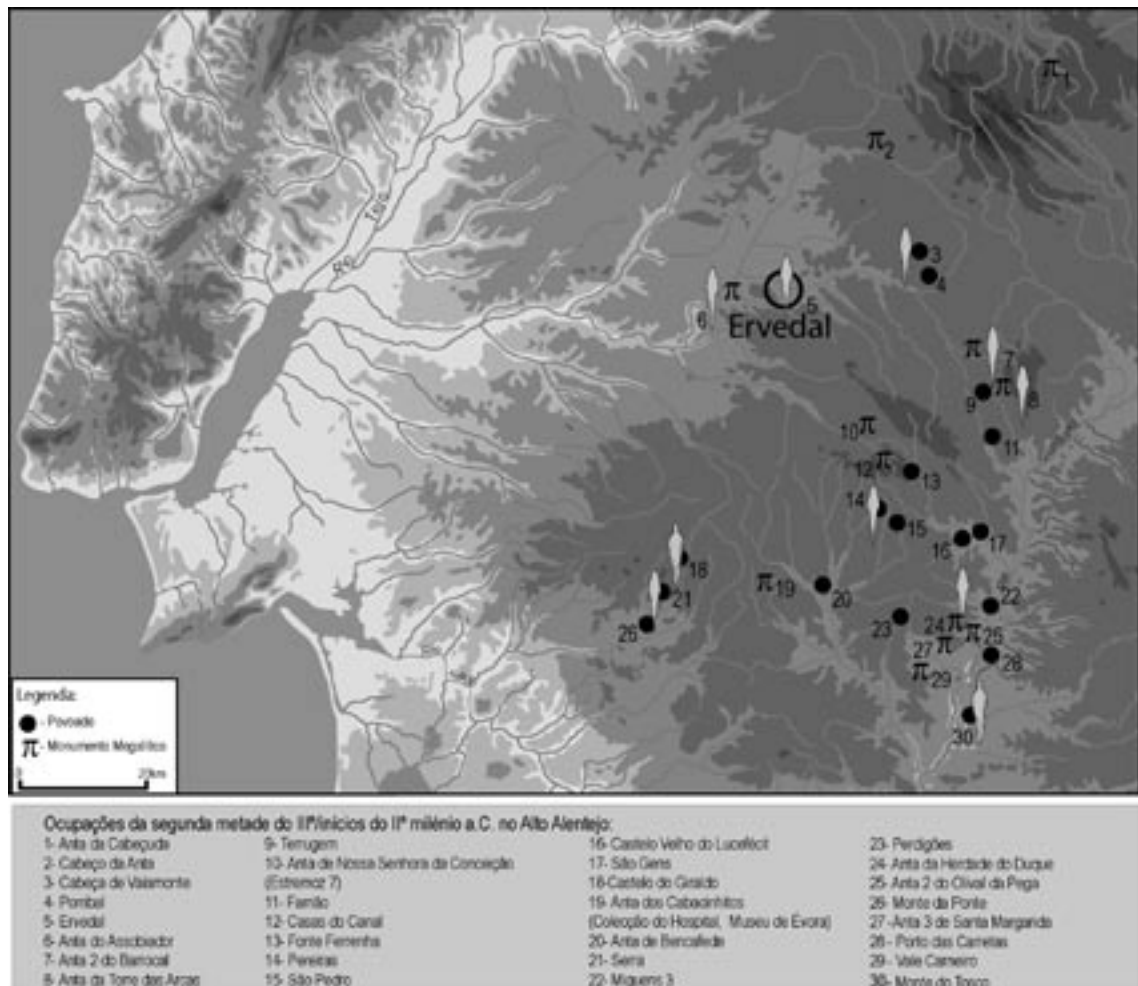


Fig. 8 Mapa da ocupação humana da segunda metade do III milénio a.C. no Alto Alentejo.

cações antigas, com descrições incompletas. Todavia, quer os novos dados quer a revisão de alguns antigos permite hoje dispormos de um quadro assaz mais composto que o apresentado escassos anos atrás (Boaventura, 2001).

Por outro lado, não se valorizou aqui um conjunto de outros achados metálicos de proveniência desconhecida (p. ex. machados planos e alguma ourivesaria), recolhida em diversas sínteses (Schubart, 1975; Ruiz Gálvez, 1979), que poderão igualmente remeter para esta época, mas que pela sua proveniência muito aproximada se achou pouco significativo problematizar.

As ocupações e utilizações associáveis, com alguma certeza, à segunda metade do III milénio a.C. e/ou ao início do subsequente no Alto Alentejo são então as seguintes:

1. Anta da Cabeçada (Marvão) (Oliveira, 1998; Mataloto, no prelo)

Monumento megalítico em cuja câmara se detectou uma estrutura designada de “silo”; nesta foram recolhidos carvões, dos quais se obteve a seguinte datação: ICEN-977 - 3650±110 - 2328-1698 cal BC 2. No mesmo monumento, e igualmente sobre material carbonizado recolhido na câmara, obteve-se uma outra datação (ICEN-979 - 3720±45 - 2274-1971 cal BC 2), genericamente concordante com a anterior. Ambas parecem coincidir numa provável utilização, em circunstâncias desconhecidas, da câmara da anta nos finais do III milénio a.C. ou nos

inícios do seguinte, o que poderá ter sido acompanhado pela presença de algumas cerâmicas que evocam, ligeiramente, protótipos campaniformes tardios.

2. Cabeço da Anta 2 (Crato) (Bubner, 1979)

Monumento megalítico intervencionado por Farinha Isidoro no qual se terá recolhido um recipiente campaniforme liso.

3. Cabeça de Vaiamonte (Monforte) (Fabião, 1996, p. 40)

Largamente conhecido pela sua ocupação da Idade do Ferro e período republicano, o povoado da Cabeça de Vaiamonte, instalado sobre cerro destacado e dominante, parece ter igualmente conhecido uma ocupação calcolítica tardia à qual se poderia, eventualmente, associar uma ponta de tipo “Palmela” (Fabião, 1996, p. 40).

4. Pombal (Monforte) (Boaventura, 2001)

Povoado calcolítico instalado em ampla rechã, com extensa visibilidade, principalmente para Sul. Intervencionado por Manuel Heleno, na sequência da escavação de uma das necrópoles de Torre de Palma, proporcionou importante conjunto de materiais do III milénio a.C., entre os quais 5 fragmentos de cerâmica com decoração campaniforme incisa.

5. Ervedal (Avis)

Conjunto de materiais aqui em estudo composto por um punhal de lingueta, três pontas tipo “Palmela”, um braçal de arqueiro e um vaso cerâmico de claras afinidades com morfotipos campaniformes tardios. Poderá ter resultado de uma, ou mais, deposições funerárias em contexto desconhecido, mas provavelmente megalítico.

6. Anta do Assobiador (Avis) (Leisner e Leisner, 1959, 2)

Monumento megalítico intervencionado pelo casal Leisner, no qual foram recolhidas duas pontas de tipo “Palmela”, a confiarmos nos desenhos dos investigadores alemães.

7. Anta 2 do Barrocal (Elvas) (Viana e Dias de Deus, 1955, p. 15 e estampa XI, n.º 9; Leisner e Leisner, 1959, 2, Tafel 12, n.º 7)

Monumento megalítico em cuja câmara se recolheu uma ponta de tipo “Palmela”, atendendo à fotografia apresentada e ao desenho do casal Leisner.

8. Anta da Torre das Arcas (Elvas) (Leisner e Leisner, 1959, 2, Tafel 12, n.º 9)

Monumento megalítico no qual se recolheu uma ponta de tipo “Palmela”, atendendo exclusivamente ao desenho apresentado pelo casal Leisner.

9. Terrugem (Elvas) (Boaventura, 2001)

Povoado calcolítico situado em cerro destacado e com ampla visibilidade circundante, no qual foi detectada a presença de cerâmica com decoração campaniforme do estilo Inciso, preenchido a pasta branca.

10. Estremoz 10 (Estremoz) (Bubner, 1979)

Monumento megalítico certamente intervencionado por Manuel Heleno, no qual, segundo Bubner, teriam surgido vestígios campaniformes, que não especifica. O estudo dos cadernos

de campo do primeiro destes investigadores, efectuado pela Dr.^a Leonor Rocha no âmbito do trabalho de Doutoramento, permitiu verificar a impossibilidade da atribuição do espólio campaniforme a este monumento, devendo, mais correctamente, reportar-se à anta Estremoz 7 ou Anta de N.^a Sr.^a da Conceição, da qual se conhecem dois recipientes campaniformes, nomeadamente um vaso liso e uma taça decorada; esta é, igualmente, a associação registada nas Casas do Canal, situada a pouco mais de uma dezena de quilómetros a sul. Gostaria, desde já, de agradecer as informações e esclarecimentos concedidos pela autora, em particular por ainda se encontrarem inéditos.

11. Famão (Vila Viçosa) (Calado, 2001)

Povoado instalado em destacado cerro sobre a ribeira da Asseca, dispondo de relevantes condições naturais de defesa. No conjunto do importante acervo material calcolítico registou-se a presença de cerâmica com decoração campaniforme do estilo Inciso.

12. Anta das Casas do Canal (Estremoz) (Leisner, 1955)

Monumento megalítico no qual foram recolhidos dois recipientes campaniformes, uma taça com decoração incisa e um vaso liso, depositados na transição da câmara para o corredor.

13. Fonte Ferrenha (Borba/Redondo) (Calado, 2001; Calado e Mataloto, 2001)

Povoado calcolítico instalado em cerro destacado na serra d'Ossa. Bastante afectado pelo plantio de eucaliptos entregou, entre o abundante espólio, alguns escassos fragmentos de cerâmica campaniforme com decoração incisa; além desta, a presença de cerâmica decorada com unguiações pode igualmente remeter para contextos tardios dentro III milénio a.C., atendendo ao que se conhece em outros locais de ocupação campaniforme (Valera, 2000c).

14. Pereiras (Redondo) (Calado, 2001, p. 103)

Pequeno povoado com materiais do III milénio a.C. instalado sobre suave elevação dominante. Foi aqui recolhida à superfície uma ponta de tipo "Palmela".

15. São Pedro (Redondo) (Calado, 2001; inédito, em escavação)

Povoado fortificado calcolítico, com dois momentos de fortificação, instalado sobre cerro dominante. Encontra-se ainda em escavação; todavia, é desde já possível assinalar a presença exclusiva, até ao momento, de cerca de uma dezena de fragmentos com decoração campaniforme do estilo Inciso, aparentemente num momento bastante avançado da vida do povoado, após o abandono dos sistemas defensivos.

16. Castelo Velho do Lucefécit (Alandroal) (Calado, 1993)

Povoado instalado sobre uma elevação de vertentes abruptas e elevada defensibilidade sobranceira à ribeira de Lucefécit; principalmente conhecido pela sua ocupação na Idade do Ferro e em época islâmica, regista igualmente uma ocupação calcolítica; as recolhas de um aficionado local permitiram constatar uma ocupação campaniforme, com a presença do estilo Internacional de bandas.

17. São Gens (Alandroal) (Calado, 1993, 2001)

Povoado situado sobre um pequeno cerro destacado, sobranceiro à ribeira do Lucefécit. Numa curta campanha de escavação de emergência foram identificadas diversas estruturas

negativas que confirmaram uma ocupação calcólítica, com a presença de cerâmica com decoração campaniforme do tipo Internacional e Incisa.

18. Castelo do Giraldo (Évora) (Schubart, 1975)

Instalado sobre destacado esporão rochoso com amplo domínio visual sobre o extenso vale das Ribeiras de Peramanca e Valverde, que lhe correm no sopé, o Castelo do Giraldo foi um dos primeiros povoados calcólíticos a ser identificado e escavado no Alentejo. Das intervenções levadas a cabo pelo Coronel Afonso do Paço e por Mário Ventura, nos inícios dos anos 60 do século passado, resultou um enorme acervo de material em depósito no Museu de Évora, de onde sobressaem os vestígios associáveis à ocupação calcólítica; no conjunto, e apesar do volume de material recolhido, não foi registada a presença de cerâmica campaniforme, reportando aos finais do III milénio a.C. ou inícios do seguinte um punhal de lingueta e um “braçal de arqueiro”, publicados por H. Schubart, que não foi possível observar nas reservas do Museu.

19. Anta dos Cabacinheiros (Évora)

No Museu de Évora encontra-se depositado um recipiente campaniforme liso (ME 7690), pertencente à “Colecção do Hospital”, que teria sido recolhido na anta dos Cabacinheiros.

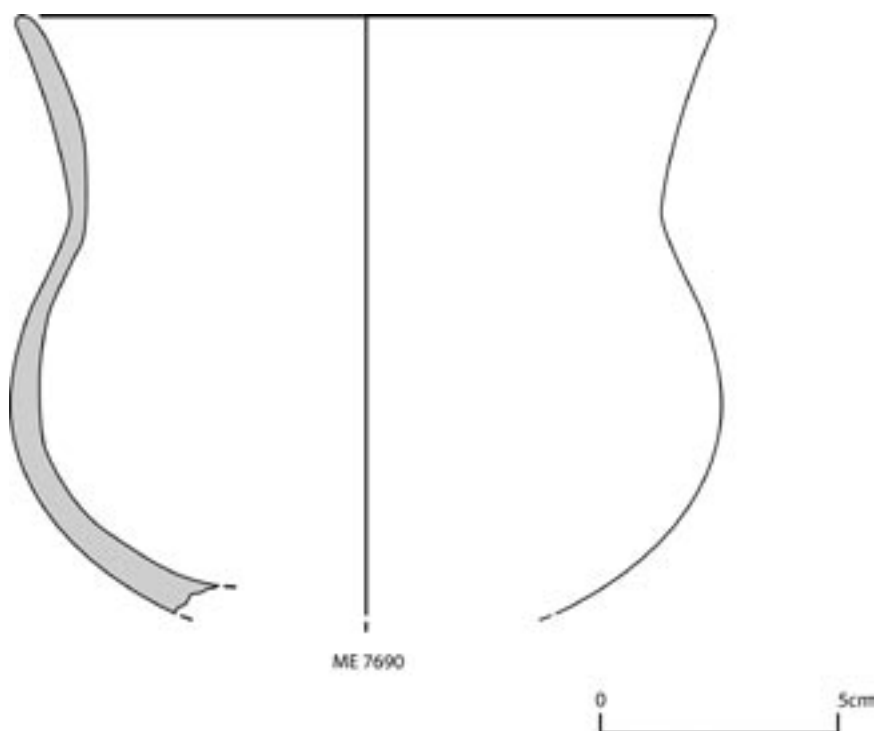


Fig. 9 Vaso campaniforme liso proveniente da Anta dos Cabacinheiros (Évora).

20. Anta de Bencafede (Évora) (Cardoso e Norton, 2004)

Monumento megalítico no qual foram recolhidas evidências, em situação pouco clara (refere-se inicialmente, na p. 129, que surgiram à superfície na câmara, mencionando-se depois, p. 131, que surgiram no corredor a escassa profundidade); importa reter o aparecimento de fragmentos correspondentes a duas taças com decoração campaniforme de estilo Inciso.

21. Serra (Évora) (Calado, informação pessoal)

Extenso povoado instalado sobre encosta de acentuado declive, sem grandes condições naturais de defesa, nem controle visual. Profundamente perturbado pelo plantio de eucaliptos foi aqui recolhido um amplo conjunto de materiais integráveis nas tipologias do III milénio a.C., remetendo ainda alguns tipos para contextos da Idade do Bronze. Registou-se igualmente a presença de uma ponta tipo “Palmela”.

22. Miguens 3 (Alandroal) (Calado, 2002)

Pequena instalação localizada em ligeiro esporão junto ao Guadiana. Intervencionado na sequência do plano de salvaguarda do património a submergir pela barragem de Alqueva, revelou um conjunto de complexas cabanas-torre, de planta circular, associadas a uma única ocupação campaniforme, estando representado o estilo Pontilhado geométrico.

23. Perdigões (Reguengos de Monsaraz) (Lago et al., 1998)

Sendo o mais extenso (16 ha) de todos os povoados conhecidos do III milénio a.C. do Alentejo Central, a pesada destruição que sofreu permitiu constatar a presença de um sistema defensivo/delimitador composto por várias linhas de fossos. Conheceu uma ocupação que se pode estender, com alguma probabilidade, a quase todo o milénio, sendo, todavia, a cerâmica campaniforme relativamente escassa (53 fragmentos, e número mínimo de recipientes 33), atendendo às intensas colectas do material resultante da profunda surriba. Esta decoração foi registada no tipo Internacional de bandas, Pontilhado geométrico e Inciso. Os contextos mais seguros escavados neste povoado, onde surgem cerâmicas com decoração campaniforme, correspondem ao enchimento de um grande fosso, podendo representar que este já havia perdido a sua funcionalidade.

24. Anta da Herdade do Duque (Reguengos de Monsaraz) (Pina, 1971; Schubart, 1975)

Monumento megalítico no qual se recolheu uma ponta de cobre “lanceolada”, com evidentes semelhanças nas pontas de tipo “Palmela”, ainda que não seja clara a sua filiação nestas.

25. Anta 2 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 2003)

Amplo complexo funerário composto por um grande monumento megalítico ortostático, três *tholoi* e uma deposição funerária individual. No corredor registou-se a presença de um recipiente campaniforme liso; outras ocorrências parecem igualmente remeter para momentos tardios dentro do III milénio a.C., nomeadamente um punhal de cobre em OP2b, com semelhanças aos punhais de lingueta, e uma ponta de projectil, igualmente em cobre, junto da deposição funerária OP2c.

26. Monte da Ponte (Évora) (Kalb et al., 1997)

Extenso, e aparentemente complexo, povoado fortificado situado em ligeira elevação com ampla visibilidade circundante. Nas breves intervenções arqueológicas efectuadas registou-se a presença de cerâmica campaniforme do estilo Internacional.

27. Anta 3 de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 2003)

Este monumento é um dos casos mais reveladores do muito que nos falta percorrer e conhecer. Sem que qualquer espólio o tornasse evidente foram detectadas várias tumulações primárias datadas, com precisão, da segunda metade do III milénio a.C., mais precisamente no terceiro quartel do mesmo.

28. Porto das Carretas (Mourão) (Silva e Soares, 2002)

Povoado localizado num pequeno esporão sobranceiro ao Guadiana, tendo a intervenção arqueológica de salvaguarda detectado duas fases de ocupação distintas; a primeira, situada na primeira metade do III milénio a.C., dispõe de estruturas de fortificação, enquanto a segunda, desenrolada sobre as ruínas da fortificação corresponde a um momento já campaniforme, com a presença de decoração do estilo Internacional, onde se edifica um complexo de cabanas associadas a uma grande torre.

29. Vale Carneiro (Reguengos de Monsaraz) (Leisner e Leisner, 1951)

Monumento megalítico no qual foi recolhido um recipiente campaniforme liso, bastante degradado.

30. Monte do Tosco (Mourão) (Valera, 2000)

Povoado calcolítico situado em destacado cerro sobranceiro à Ribeira de Alcarrache. Intervencionado no âmbito da minimização de impactes da barragem de Alqueva, tendo-se registado duas fases de ocupação; a primeira caracterizava-se por ser fortificada, enquanto a segunda parece ter-se desenrolado já com o sistema defensivo abandonado, nos finais do III milénio a.C. Nesta última fase, representada principalmente por um contexto doméstico, recolheram-se vários recipientes campaniformes, com decoração incisa e lisos, além de um punhal de lingueta.

A complexidade, mas igualmente singeleza, dos dados aqui apresentados, onde o tempo continua a ser quase impossível de balizar, não deixa margem para balanços fáceis, dificultando uma visão unitária da segunda metade do III milénio a.C., que só muito a custo se poderá resumir ao designado “fenómeno Campaniforme”, nas suas diversas variantes.

A realidade “campaniforme”, no todo que se designou de “pacote”, apresenta-se no Alto Alentejo de um modo difuso, caracterizando-se por um tempo longo. Evitando propostas ainda problemáticas (Cardoso e Soares, 1990-1992), pode-se afirmar que as primeiras realidades “campaniformes” se começam a registar pelo menos em meados do III milénio a.C., prolongando-se alguns artefactos, nomeadamente os metálicos, por momentos já bem dentro do II milénio a.C.; este intervalo cronológico acaba por nos revelar um espaço de tempo bastante longo, no qual terão que ser lidos os dados alentejanos aqui arrolados. Se durante muitos anos os diversos estilos decorativos oscilaram entre a diacronia (Soares e Silva, 1974-1977) e a contemporaneidade (Cardoso e Soares, 1990-1992), a primeira parece, no gradual aumento das realidades estratigrafadas no Sul do país, ganhar alguma consistência, o que na nossa região se encontra patenteado na verdadeira “estratigrafia horizontal” constituída pelos vários sítios onde os diversos estilos surgem de modo exclusivo.

Sem negar uma efectiva contemporaneidade parcial entre eles, certo é que, em sítios já intervencionados como Porto das Carretas (Mourão), Miguens 3 (Alandroal), Monte do Tosco (Mourão) e São Pedro (Redondo), os estilos presentes surgem de forma exclusiva (Internacional, no primeiro, Pontilhado geométrico no seguinte, e Inciso nos dois últimos). Além disto, em sítios com um elevado número de registos de superfície, como Fonte Ferrenha, surge apenas o estilo Inciso. Todavia, e contrariando esta tendência, no sítio de São Gens, no Alandroal, foram detectados dois estilos, Internacional e Inciso, no enchimento de uma mesma estrutura negativa; este facto não implica, obrigatoriamente, a sua contemporaneidade, na medida em que se resumem a pequenos fragmentos remobilizados na acção de preenchimento da dita estrutura.

Vem sendo usual, e genericamente assumido, que o aparecimento do campaniforme coincide com a desestruturação do paradigma humano vigente no Calcolítico do sudoeste peninsular, emergindo uma nova realidade, materializada numa nova forma de ocupar um espaço anteriormente coercivo e fortemente estruturado (Soares, 2003). O povoamento surge agora disseminado em aglomerados menores, instalados em áreas abertas, ao mesmo tempo que decorre um processo de aparente estratificação intra-grupal, com a afirmação de novas ou velhas linhagens (Soares e Silva, 1998, p. 234, 2000, p. 221 e 222; Soares, 2003).

A informação actualmente disponível no Alto Alentejo não contraria, efectivamente, estas leituras, ainda que não nos surja tão linear, na medida em que as novas instalações nos revelam, como se viu, uma diversidade de estratégias de ocupação similar à conhecida na primeira metade do III milénio a.C., chegando mesmo a ser possível notar um reforço das estratégias de instalação com claras preocupações defensivas e de controlo territorial (Calado, 2001, p. 116), acompanhando tendências reconhecidas em outras áreas do Ocidente peninsular, como a Meseta Norte (Delibes de Castro e Fernández Manzano, 2000, p. 103) ou a Baixa Extremadura (Hurtado, 2000, p. 389); estamos então longe do descer às planícies asseverado para outras realidades mais litorais (Soares e Silva, 1998, p. 234; Soares e Silva, 1995, p. 136).

O povoamento campaniforme alto alentejano surge-nos, então, fortemente dinâmico e instável, originando ocupações aparentemente curtas, resultantes de estratégias de ocupação cujos padrões não são, creio, ainda fáceis de definir. Se, por um lado, temos claros indícios da reocupação de antigos locais estratégicos, anteriormente fortificados, caso do Porto das Carretas, Monte do Tosco e São Pedro, por outro surgem ocupações *ex novo* em locais sem nenhum interesse defensivo ou estratégico, caso de Miguens 3. Além deste factor, também o tempo não parece clarificar as leituras pois, como se viu, enquanto uns parecem surgir com os primeiros sinais do novo estilo decorativo, caso do Porto das Carretas, outros em idênticas circunstâncias locativas, parecem surgir numa fase já muito adiantada do II milénio a.C., veja-se o caso do Monte do Tosco.

A forma como todo este povoamento se dispersa na diacronia, o modo como as ocupações se parecem entrosar no espaço e a relevância que cada uma delas alcançou é ainda muito complexa de apreender, não sendo de todo possível assumir uma sequência linear face à realidade que presidiu à primeira metade do III milénio a.C.; exemplo desta situação é o caso do povoado dos Perdígões que, certamente, deteve uma relevância regional determinante neste momento, surgindo bastante discreto, no que a uma presença campaniforme diz respeito, mesmo tendo em conta que detém o maior conjunto de exemplares do Alto Alentejo. Será que toda a ocupação da segunda metade do III milénio a.C. se resume à presença campaniforme? Ou esta será apenas uma moda com mais aceitantes num povoado que noutro?

Os dados que se encontram actualmente disponíveis parecem cada vez mais reforçar a hipótese de que a decoração campaniforme teve uma reduzida aceitação junto das comunidades alto alentejanas, escassamente acostumadas a hábitos decorativos, tão frequentes noutras paragens. A realçar esta tendência está a cada vez maior presença de outras realidades materiais campaniformes, nomeadamente as cerâmicas lisas e as peças metálicas, em contextos diversos, como os domésticos e os funerários.

A realidade funerária é, apesar de tudo, mais unitária, surgindo no interior alentejano de modo aparentemente tardio, num movimento de reutilização de antigos monumentos megalíticos. Assim, são principalmente recipientes campaniformes lisos que surgem nas deposições funerárias; todavia, em dois casos encontramos a associação de um recipiente liso a outro com decoração incisa (Anta das Casas do Canal e Anta de N.^a Sr.^a da Conceição/Estremoz 7), o que poderá transmitir uma certa imagem de padronização de determinado tipo de oferendas funerárias.

A inexistência de enterramentos relacionados com recipientes de outros estilos decorativos poderá dever-se a questões de geografia de investigação, a novos modelos de tumulação ainda não descobertos (veja-se a diversidade de situações conhecidas na vizinha Extremadura (Hurtado, 1999), ou simplesmente ao facto de os corpos não serem acompanhados de nenhum bem durável, como está indiscutivelmente patente na Anta de Santa Margarida 3 (Gonçalves, 2003). Este é um dos casos que obrigará a longas e profundas reflexões, pela dificuldade que introduz na leitura dos dados arqueológicos de índole funerária, ou da falta deles. Se a presença de enterramentos “campaniformes” em antigos monumentos megalíticos vinha sendo facilmente lida como uma necessidade de recomposição identitária dos grupos, onde apenas os elementos mais destacados socialmente se fariam tumular junto dos antepassados, num verdadeiro acto de legitimação de novas ou velhas linhagens (Delibes de Castro e Fernández Manzano, 2000, p. 103; Soares, 2000, p. 191 e 213); esta nova presença, digamos, despojada, obriga a maiores cuidados, revelando-nos uma componente populacional verdadeiramente “invisível”, que continua a tumular-se nos antigos espaços funerários megalíticos, traduzindo, muito provavelmente, um profundo atavismo nos rituais funerários, quando a tónica vinha sendo posta nos novos modelos de enterramento, que assinalariam igualmente as novas realidades sociais.

Os finais do III milénio a.C. conheceram, como vem sendo geralmente aceite (Soares, 2003, p. 196; Cardoso, 2004a, p. 150), uma profunda transformação da realidade social, com a pulverização dos territórios e a desarticulação das antigas estruturas sociais, reorganizando-se em torno de “grandes homens, sábios e guerreiros” (Soares, 2003, p. 196), verdadeiros cernes da coesão social dos pequenos grupos humanos que parecem caracterizar este momento. Seria a estes personagens fortes que se teriam que associar as verdadeiras panóplias que se conhecem nos finais do III milénio a.C. e inícios do seguinte em todo o Ocidente peninsular, das quais o conjunto do Ervedal é parte integrante. Todavia, não deixa de ser irónico que este período seja efectivamente conhecido pelo abandono das antigas fortificações calcolíticas, profusa e sucessivamente renovadas e reforçadas durante várias centúrias, e que agora, arruinadas, sejam o “palco” no qual se passeiam verdadeiras personagens “quixotescas”, de “guerreiros sem guerra”, ostentando as suas armas.

A distribuição de artefactos metálicos integráveis no designado “pacote campaniforme” surge, no Alto Alentejo, de forma algo distinta das presenças cerâmicas, associando-se, todavia, tanto a ambientes funerários como habitacionais. Por outro lado, a sua presença não decorre da existência de cerâmicas campaniformes, surgindo, por exemplo no povoado da Serra ou no Castelo do Giraldo, sem que estas tenham sido registadas, o que poderá concorrer para a hipótese da sua maior difusão acontecer apenas num momento tardio, tal como se propôs para outras regiões (Valera, 1998; Hurtado, 1999). O caso do Monte do Tosco, onde surgiu um punhal de lingueta associado a contextos com campaniforme de estilo inciso e lisos (Valera, 2000, p. 43), remete para contextos muito avançados no III milénio a.C.

Se tem sido usualmente aceite que, tal como na Extremadura (Hurtado, 1999), a metalurgia assume maior relevância na segunda metade do III milénio a.C., parece igualmente ser de constatar que os principais artefactos campaniformes assumem ou mantêm, no sudoeste peninsular, uma grande relevância e presença em contextos bastante avançados, muitas vezes já bem distantes dos géneros cerâmicos que marcaram a introdução do novo gosto decorativo. Para este facto parecem concorrer achados como os de Guadajira (Hurtado, 1995) ou os do Monte do Outeiro (Schubart, 1975), ou mesmo o caso do conjunto em estudo que, pela sua problemática origem, não deverá ser sobrevalorizado, num acto redundante.

E, neste contexto, que horizontes para Ferradeira? Bom, vários e nenhum.

6. Campaniforme, “Ferradeira” e “Montelavar”: que «tempos» para o final do III milénio a.C. e inícios do milénio seguinte

Perante este quadro a questão cronológica resulta fundamental, ao assumir-se como determinante na averiguação do contexto social em que poderá ter decorrido a formação do achado que aqui nos ocupa.

Desde o início que não ficou clara a adscrição cronológica do “Horizonte Ferradeira” pois, se por um lado seria contemporâneo de algumas realidades campaniformes, por outro assumia-se como parcialmente contemporâneo de Argar A (Schubart, 1971), o que acabava por remeter para contextos do Bronze Antigo (Ruiz Gálvez, 1984, p. 330); assim, deste modo, o seu enquadramento cronológico, mas também cultural, acabaria por ser um tanto dúbio. A mesma ordem de questões surge no “Grupo Montelavar”, desde cedo assumido como uma expressão mais alargada do anterior (Ruiz Gálvez, 1979, p. 152), ainda que Harrison, ao assumir um carácter possivelmente mais tardio dos artefactos integrados no seu “grupo”, aponte para um Bronze Antigo (Harrison, 1974).

Na realidade, em trabalhos recentes, diversos autores têm vindo a associar o problemático “Horizonte Ferradeira” essencialmente ao Bronze Antigo ou Inicial (Jorge, 1990; Soares e Silva, 1998; Parreira, 1998), provavelmente mais por questões de índole sociocultural que por questões de ordem meramente cronológica. O conjunto de datas fiáveis e contextualmente seguras disponíveis para as realidades campaniformes e do início da Idade do Bronze é manifestamente insuficiente para que se possa traçar, com clareza, um esboço cronológico para o conjunto em estudo.

Que tempos, então, para “Ferradeira” ou “Montelavar”, quando o tempo “Campaniforme” é ainda difícil de assegurar?

Em primeiro lugar deve-se assinalar a total ausência de datações para contextos artefactualmente campaniformes, ou do Bronze Antigo, no Alto Alentejo. As que se dispõem, como as obtidas em STAM-3 ou Anta da Cabeçada, datam realidades materiais de difícil inserção tipológica.

Em segundo lugar há uma questão teórica que temos que superar se nos quisermos aproximar de uma proposta cronológica para os achados do Ervedal. As evidências do “pacote” campaniforme em território alentejano são, como se viu, cada vez mais alargadas, e certamente crescerão com o continuar dos trabalhos; todavia, a presença de cerâmicas decoradas continua relativamente discreta, apesar da valorização que se tem vindo a fazer, dada a sua anterior inexistência. Assim, efectivamente, a ausência de cerâmica campaniforme poderá não ser absolutamente determinante na averiguação do espectro cronológico de determinadas ocupações, particularmente as funerárias, como nos deixa bem expresso o conjunto de datas obtidas nas tumulações de STAM-3 (Gonçalves, 2003). Assim sendo, e atendendo ao relevante conjunto material associado a um punhal de lingueta no Monte do Tosco, onde pontifica pela abundância a cerâmica campaniforme, e derivada, sem qualquer tipo de decoração (Valera, 2000a) poderemos ter no Alto Alentejo uma realidade sem campaniforme, ou com este escassamente representado, eventualmente sincrónica de realidades plenamente campaniformes em outras áreas peninsulares, como acaba por acontecer, aparentemente, no Algarve (Gonçalves, 1989).

Todavia, todo este contexto de transformação deverá ter-se desenrolado de modo continuado e progressivo onde as realidades campaniformes, já de si pouco implantadas, ao menos ao nível da decoração cerâmica, vão caindo em desuso, sendo desde já possível verificar que algures no primeiro quartel do II milénio a.C. as entidades que irão caracterizar o Bronze do Sudoeste se encontram plenamente formadas, e em expansão, como nos indicam as datas obtidas nos povoados do Catujal (ICEN-843 3570±45 - 2028-1752 a 2σ) (Cardoso, 2000) ou no Castillo de Alange (Beta-68669 - 3600±80 - 2180-1739 a 2σ) (Pavón Soldevila, 1995), de certo modo corroboradas pelas

datações provenientes de contextos funerários como a necrópole da Herdade do Pomar (ICEN-87 3510 \pm 45 - 1938-1688 a 2 σ) (Soares e Silva, 1995) ou dos Bugalhos (Beta-120049 3450 \pm 40 - 1880-1672 a 2 σ) (Soares, 2000).

Assim, a realidade humana resultante da desagregação do contexto social calcolítico, e que irá marcar a segunda metade do III milénio a.C., está plenamente suplantada e materializada numa nova algures nas primeiras duas centúrias do milénio seguinte.

Enquadrar cronologicamente as profundas transformações ocorridas na segunda metade do III milénio a.C. não resulta fácil, e menos ainda datar as ocorrências que motivaram este trabalho; assim, e como se foi deixando entrever ao longo do texto, creio que o conjunto terá surgido num momento tardio do milénio, contemporâneo ou não das cerâmicas com decoração campaniforme, particularmente as de tipo inciso, que são grandemente acompanhadas na Meseta por cerâmicas morfológicamente afins, mas sem decoração (Garrido Pena, 1997, p. 198). Deste modo, a cronologia das realidades campaniformes incisadas poderá fornecer, igualmente, alguns indícios mais sobre o enquadramento cronológico dos artefactos do Ervedal.

Independentemente de aceitarmos ou não as altas cronologias propostas para a introdução da decoração campaniforme nos repertórios cerâmicos (Cardoso e Monge Soares, 1990-1991), pode-se desde já afirmar que o estilo Inciso acompanhou desde cedo o Internacional, a atendermos às datações obtidas sobre ossos humanos da deposição funerária de La Atalayuela (Logroño) (BM-2367 4110 \pm 60 - 2806-2593 BC cal 2 σ ; BM-4120 \pm 70 - 2879-2588 BC cal 2 σ), onde ambos convivem (Castro, Lull e Micó, 1996, p. 106). Já em território nacional, as datações efectuadas para as deposições funerárias de Verdelha dos Ruivos (Vila Franca de Xira), onde se encontram igualmente atestados ambos os estilos, parecem genericamente confirmar a possível antiguidade deste (GrN-10972 4100 \pm 60 - 2709-2488 BC cal 2 σ ; GrN-10972 4000 \pm 35 - 2588-2454 BC cal 2 σ).

A desaparição do estilo Inciso não é, todavia, tão simples de assumir, ao poder registar uma certa “*décalage*” entre os diversos espaços peninsulares; a aceitação durante longa data de uma forte perduração dos motivos e gramáticas incisadas, por vezes até à segunda metade do II milénio a.C., no Sul peninsular tem vindo a ser posta em causa, quer por uma aturada revisão das estratigrafias, quer pela calibração de antigas datações (Mederos Martín, 1996). Assim, está hoje disponível apenas um pequeno conjunto de datas fiáveis que nos aproximam do final das presenças campaniformes, que terão de ser lidas em consonância com as recentes datações obtidas em ocupações conectáveis com o Bronze do Sudoeste (v. os já citados casos do Catujal, Alange e Bugalhos).

A datação disponível para uma cabana de *Acinipo* (Ronda la Vieja, Málaga) com campaniforme de estilo Inciso, um botão de osso com perfuração em V e um braçal de arqueiro (3650 \pm 80 - 2273-1771 BC cal 2 σ) remete o final destas presenças, no Sul peninsular, provavelmente para o último quartel do III milénio a.C. Este dado não é, todavia, coincidente com a proposta avançada para a Estremadura, e por extensão para o sudoeste peninsular (Cardoso e Soares, 1990-1991, p. 275; Cardoso, 2004a, p. 141), na justa medida em que, segundo estes autores, o final da presença da decoração campaniforme, nomeadamente incisada, seria anterior ao final do terceiro quartel do III milénio a.C., permitindo, deste modo, “encaixar” as datações do Catujal, correspondentes a uma ocupação tipologicamente correspondente ao Bronze Médio.

No mesmo sentido parece apontar a datação obtida no sector 1 da Fraga da Pena, na Beira Alta – (Sac 1543 - 3710 \pm 60 - 2282-1920 BC cal 2 σ) – ao situar no último quartel deste milénio uma ocupação onde as presenças campaniformes, de produção local, são acompanhadas por recipientes inspirados nestes últimos, mas já com amplas reinterpretações e desenvolvimentos regionais, quer ao nível formal quer decorativo, o que pode apontar para um momento bastante avan-

çado da presença e conhecimento das realidades decorativas campaniformes; estão, por sinal, ausentes as gramáticas decorativas incisivas mais próximas da realidade “Ciempozuelos”, tidas sempre como as mais tardias.

Perante um cenário onde as datações se assumem com fortes interpretações não resulta fácil propor um enquadramento cronológico para as realidades provenientes do Ervedal. Todavia, penso que seria bastante plausível associarmos aos contextos funerários campaniformes, digamos «clássicos» (vaso liso e taça com decoração incisa, sem artefactos metálicos), conhecidos no Alto Alentejo (Casas do Canal e Estremoz 7), com claras filiações nas realidades “Ciempozuelos”, um espectro cronológico próximo, ou ligeiramente posterior, ao das deposições funerárias da Verdelha dos Ruivos, onde dominam largamente as decorações incisivas e as formas lisas (Cardoso e Soares, 1990-1991), isto é nos finais do terceiro quartel do III milénio a.C., ou inícios do seguinte, ficando as últimas centúrias para o desenvolvimento de uma realidade fortemente marcada pelas transformações campaniformes, mas que dará origem à sociedade subsequente do Bronze do Sudoeste. Será então esta realidade social, que poderemos designar de “epicampaniforme”, na esteira de outros e de modo não muito feliz, que verá surgir a provável deposição funerária do Ervedal, tal como outras de carácter semelhante localizadas no Alto Alentejo. Não deixa de ser relevante verificar que as datações tardias de STAM-3, sem qualquer espólio cronologicamente relevante, se situam exclusivamente dentro do último quartel do III milénio a.C. (Gonçalves, 2003, p. 50).

O início do milénio seguinte, eventualmente associável a um Bronze Antigo, veria então consolidar este processo de transformação, ficando marcado, em termos artefactuais, pelo reforço das cerâmicas carenadas, a manutenção dos principais protótipos metálicos e o aparecimento de outros, p. ex. as alabardas (v. o conjunto do Cano, Carreira, 1996; Senna-Martínez, 1994), tudo isto desenvolvido num quadro humano semelhante ao de finais do milénio anterior. Nos inícios do terceiro quartel do II milénio a.C. tudo estaria já transformado, impondo-se a realidade do Bronze do Sudoeste.

Assim, e na esteira de muitos outros autores, seriam os finais do III milénio a.C. e as primeiras centúrias do seguinte os horizontes de “Ferradeira” e de “Montelavar”, marcados por uma realidade em progressiva transformação, onde as evidências campaniformes nos surgem com um carácter transitório entre dois modelos sociais e humanos de carácter tão marcado como os que presidiram à primeira metade do III milénio a.C. e a grande parte do II. A diversidade artefactual e funerária associada a uma provável instabilidade locativa, fortemente conectada com antigas ocupações, reflexo talvez de algum atavismo, evidencia ou denuncia uma realidade humana que procura encontrar-se e reidentificar-se, o que acabará por acontecer já bem dentro do II milénio a.C.

Redondo, Setembro 2005

NOTAS

- * Investigador do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
Câmara Municipal de Redondo. rataloto@iol.pt
- ¹ Gostaria desde já de agradecer à Dr.ª Elisabete Pereira todas as facilidades concedidas no estudo deste conjunto artefactual, que me deu a conhecer, e que se encontra em depósito na instituição a que pertence. Este texto foi originalmente entregue, em Setembro
- de 2005, para publicação nas Actas das III Jornadas Arqueológicas do Norte Alentejano. Após esta data foi apenas pontualmente revisto em inícios de 2006.
- ² Agradece-se ao Rui Boaventura o auxílio prestado no desenvolvimento destas, e de outras, observações sobre a península de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- BARCELÓ, J. (1991) - El Bronce del Sudoeste y la cronología de las estelas alentejanas. *Arqueologia*. Porto. 21, p. 15-24.
- BUBNER, T. (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 139-151.
- CALADO, M. (2001) - *Relatório das escavações no povoado calcolítico de S. Gens (Terena, Alandroal)*. (Relatório inédito).
- CALADO, M. (2002) - Povoamento pré e proto-histórico da margem direita do Guadiana. *Al-madan*. Almada. IIª série. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L. (2000) - O “fenómeno” campaniforme na Estremadura portuguesa. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. IV, Porto: ADECAP, p. 353-380.
- CARDOSO, J. L. (2004a) - As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 129-136.
- CARDOSO, J. L. (2004b) - A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 12
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1990-92) - Cronologia para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 203-228.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F. (2002) - O espólio metálico do Outeiro de São Bernardo (Moura): uma reapreciação à luz de velhos documentos e de outros achados. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 20, p. 77-117.
- CARREIRA, J. R. (1990-1992) - As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das grutas do Poço Velho (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 229-245.
- CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARREIRA, J. R. (1996) - O conjunto metálico de Cano. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p. 50-70.
- CARREIRA, J. R. (1997) - Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da «Ria de Loures». Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- CORREIA, S. (2002) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva - Blocos 4 e 7. *Al-madan*. Almada. IIª Série. 11, p. 109-116.
- CRUZ, D. (1992) - *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Coimbra: Universidade.
- DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1981) - La tumba de Celada de Robledo (Palencia) y los inicios del Bronce Antiguo en al valle medio y alto del Pisuerga. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 38, p. 153-192.
- DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MANZANO, J. (2000) - La trayectoria cultural de la Prehistoria reciente (6400-2500 BP) en la Submeseta Norte española: principales hitos de un proceso. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, p. 95-122.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1998) - *La Travesía. Ritual funerario y jenerarquización social de una comunidad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Universidad.
- GARCÍA SANJUÁN, L. (1993) - Registro funerario y relaciones sociales en el Bronce del SO: indicadores estadísticos preliminares. In *Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Huelva, p. 157-182.
- GARRIDO PENA, R. (1995) - El campaniforme en la Meseta Sur: nuevos datos y propuestas teóricas. *Complutum*. Madrid. 6, p. 123-151.
- GARRIDO PENA, R. (1997) - Bell Beakers in the Southern Meseta of the Iberian Peninsula: socioeconomic context and new data. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 16:2, p. 187-209.
- GOMES, M. (1994) - A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *Xelb*. Silves. 2.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova série. 9-10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

- GONÇALVES, V. S. (2003a) - *Sítios, «horizontes» e artefactos*. Leituras críticas de realidades perdidas. Cascais: Câmara Municipal. 2.ª edição.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 32).
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa. 1.
- GUILAINE, J. (2004) - Les Campaniformes et la Méditerranée. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 101:2, p. 239-249.
- GUILAINE, J.; BESSE, M.; LEMERCIER, O.; SALANOVA, L.; STRAHM, C. VANDER LINDEN, M. (2004) - Avant-propos: les campaniformes aujourd'hui. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 101:2, p. 197-200.
- HARRISON, R. J. (1974) - A closed find from Cañada Rosal, Prov. Sevilla and two bell beakers. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 15, p. 77-94.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge, MA: Harvard University.
- HURTADO, V. (1995) - Interpretación sobre la dinámica cultural en la cuenca media del Guadiana (IV-II milenio a.n.e). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres-Mérida. 5 (Homenaje a la Dr.ª Milagro Gil-Mascarell Boscà), p. 53-80.
- HURTADO, V. (1999) - Los inicios de la complejización social y el campaniforme en Extremadura. *Spal*. Sevilla. 8, p. 47-83.
- HURTADO, V. (2000) - El proceso de transición a la Edad del Bronce en la cuenca del Guadiana. Ruptura o continuidad. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, p. 381-396.
- HURTADO, V.; GARCÍA SANJUAN, L. (1994) - La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la cuenca media del Guadiana. *Spal*. Sevilla. 3, p. 95-144.
- HURTADO, V.; GARCÍA SANJUAN, L. (1994) - Areas funcionales en el poblado de la Edad del Bronce de El Trastejón (Zufre, Huelva). In *Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Huelva: Universidad, p. 183-214.
- JORGE, S.O. (1990) - Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. In SERRÃO, J.; OLIVEIRA MARQUES, A. H., eds. - *Nova História de Portugal*. Vol. I-Portugal das origens à romanização. Lisboa: Editorial Presença, p. 213-251.
- KAISER, J. (2003) - Puntas de flecha de la Edad del Bronce en la Península Ibérica. Producción, circulación y cronología. *Complutum*. Madrid. 14, p. 73-106.
- KALB, P. (1994) - Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu: Centro de estudos Pré-históricos da Beira Alta, p. 415-426.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MATALOTO, R. (1999) As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães*. Volume Especial - Actas do Congresso de Proto-história Europeia no centenário da Morte de Martins Sarmiento. Vol. I, p. 333-362.
- MATALOTO, R. (2005) - A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 115-128.
- SOARES, A. M. (2000) - Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Bugalhos. *Vipasca*. Aljustrel. 9, p. 47-92.
- OLIVEIRA, J. (1995) - *O Megalitismo da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora (Policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1998) - A Anta da Joaninha e a da Era de Guardias (Cedillo-Cáceres) no ambiente megalítico da foz do rio Sever. *Ibn Maruán*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão. N.º 8, p. 203-245.
- PARREIRA, R. (1995) - Aspectos da Idade do Bronze do Alentejo Interior. In JORGE, S., ed. - *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 131-134.
- PARREIRA, R. (1998) - As arquitecturas como factor de construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo interior. In JORGE, S., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 10), p. 267-273.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1995) - Bases estratigráficas para una revisión cronológica del Bronce del Suroeste: el corte 3 de La Umbría del cerro del castillo de Alange (Badajoz). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres-Mérida. V (Homenaje a la Dr.ª Milagro Gil-Mascarell Boscà), p. 81-96.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1998) - *El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz)*. *Intervenciones arqueológicas (1993)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura (Memorias de Arqueología Extremeña; 1).
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1979) - El Bronce antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 36, p. 151-172.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (1984) - Reflexiones terminológicas en torno a la Edad del Bronce peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 41, p. 323-342.

- SALANOVA, L. (2003) - Les sépultures mégalithiques et le phénomène campaniforme. In *Muitas gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), p. 385-393.
- SCHUBART, H. (1971) - O Horizonte Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81, p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1971) - Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada del Monte Nuevo. In *XII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos, p. 175-189.
- SCHUBART, H. (1973) - Tholos-Bauten von Colada de Monte Nuevo bei Olivenza. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 11-42.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (2002) - Porto das Carretas: um povoado calcolítico do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. II Série. 11, p. 176-180.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) - Subsídios para o estudo do Bronze pleno na Estremadura atlântica (1) A alabarda de tipo «atlântico» do habitat das Baútas (Amadora). *Zephyrus*. Salamanca. 46, p. 161-182.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) Notas para o estudo da génese da Idade do Bronze na Beira Alta: o fenómeno campaniforme. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- SOARES, J. (2003) - *Os hipogeuos pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal-Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1995) - O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular. In JORGE, S., ed. - *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 136-139.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1998) - From the collapse of the chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian Peninsula. In JORGE, S., ed. - *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 10), p. 231-245.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (2002) - Capturar a mudança na Pré-História recente do Sul de Portugal. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, p. 213-224.
- SOUSA, A.C. (1999) - *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 11).
- VALERA, A. (1998) - A génese da Idade do Bronze no Mondego interior: análise de alguns aspectos das suas construções arqueográficas e historiográficas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, p. 215-251.
- VALERA, A. (2000a) - Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 21-37.
- VALERA, A. (2000b) - O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era-Arqueologia*. Lisboa. 2, p. 33-51.
- VALERA, A. (2000c) - O fenómeno campaniforme no interior centro de Portugal: o contexto da fraga da Pena. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 4*. Porto: ADECAP, p. 269-281.
- VIANA, A.; DEUS, A. (1955) - *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas*. Porto: Imprensa Portuguesa-Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.